

Boletim Econômico

SINMETAL

Vol. 126 10/2008



SINMETAL

A crise financeira vem provocando pesadelos aos investidores de todo o mundo. Mas como ela poderá afetar os empresários brasileiros? Este texto é uma tentativa de iluminar algumas questões sobre as possíveis conseqüências dessa crise.

“SÓ SEI QUE NADA SEI”

A sensação é de que a bússola quebrou. A crise financeira que vem assolando o mundo tem se desenrolado aos poucos, parece que provando aos mais certos, de que certeza não há: quando se espera ter alcançado o fundo do poço, aparece mais um banco que quebra ou mais uma economia que entra em recessão. A montanha russa porque passam os mercados financeiros mostra sinais característicos de pânico e denota uma falta de rumo para o capital. Tem-se uma crise de confiança generalizada, em que boatos e expectativas fracas podem gerar uma debandada de moeda em mercados mais frágeis e mais instáveis. O Brasil não foge desta conjuntura: a crise financeira está aí e afeta sim o país, que não, não está blindado.

São dois os canais pelos quais a crise pode afetar o setor produtivo da economia: comercial e de crédito. Canal comercial diz respeito à demanda por exportações: a queda do consumo devido a recessões econômicas que atravessam os EUA, a Europa e, possivelmente, a China. Reduzir consumo significa menor demanda, que implica em menores vendas que, por sua vez, diminui preços. Assim, espera-se, daqui por diante, que ocorra uma redução das exportações, em volume e em valores, mesmo com a desvalorização do real. Há ainda, uma tendência de maior oferta de produtos importados, uma vez que, com a diminuição do consumo nos países desenvolvidos, os bens e serviços passarão a ser “ofertados” em outros mercados, como o Brasil, aumentando a concorrência e reduzindo preços. Espera-se que esse movimento do canal comercial tome forma aos poucos e que venha de forma acentuada apenas em 2009.

O outro canal, o de crédito, já começa a mostrar suas garras. O crédito está inerentemente ligado ao tempo e é essencialmente uma forma de *promessa*. Quando os agentes econômicos deixam de ser confiáveis, isto é, mostram sinais de que no futuro não poderão pagar os empréstimos, a oferta de crédito se reduz e o preço dele (os juros) se eleva (pois não se pode mais confiar na *promessa* de que o acordo será cumprido). Esta é umas das causas da restrição ao crédito que vem se mostrando cada vez mais forte: como há uma falta de segurança nos mercados somada às perspectivas econômicas negativas, quem empresta não só não confia em quem quer emprestado, mas também conjectura que os negócios não terão bons resultados devido à recessão.

Além disso, há ainda, a questão de que bancos não emprestam apenas a empresas, mas também a bancos, que é o caso do Banco do Brasil, que capta valores em dólares de bancos internacionais para repassar aos seus clientes exportadores. Mas, como é sabido, atualmente bancos se tornaram sinônimo de incerteza: tanto nos EUA como na Europa, a cada semana aparece uma nova instituição com problemas financeiros e grandes rombos em seus patrimônios. Dito isto, é de se esperar que os bancos brasileiros não consigam a quantidade de crédito solicitada a um preço acessível, já que, claro, emprestar para qualquer banco hoje é temeroso.

“O Brasil não foge desta conjuntura: a crise financeira está aí e afeta sim o país...”

Assim, forma-se uma conjuntura de crédito pouco acessível e caro. O governo finalmente começou a agir e vem tomando medidas para propiciar uma maior oferta de crédito ao país, com o intuito de atenuar essa falta de liquidez internacional e dar suporte aos empresários brasileiros. Dentre elas, a mais importante é a decisão de disponibilizar parte das reservas internacionais (em torno de US\$ 200 bilhões) para financiar as exportações, de forma indireta, por meio de empréstimos (compra de títulos) a bancos, para que as negociações do comércio externo não sejam paralisadas e evitar prejuízos devido aos altos custos do crédito internacional. Aliado a isto está a ampliação de umas das linhas do BNDES, também, para o financiamento das exportações, objetivando irrigar o mercado financeiro brasileiro com dólares. Apesar de essas ações serem de baixo calibre, é importante que o Banco Central sinalize a preocupação com as conseqüências da crise.

Ademais, o jeito é esperar pacientemente pelos desdobramentos de toda essa situação. Alerta-se, no entanto, que em relação ao setor metalmeccânico e eletroeletrônico, os segmentos que trabalham e dependem mais diretamente de crédito como máquinas e equipamentos e cadeia automotiva tendem a passar por maior sufoco. Isto porque, mesmo o mercado interno tendo um perfil de crédito diferenciado do externo, as conseqüências da crise virão, com uma oferta menor e um preço maior, possivelmente reduzindo o volume de negócios.